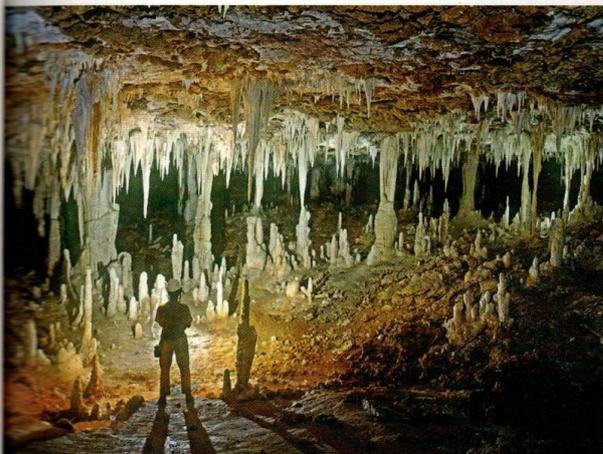


ECOS RELEVO

A expressão singular da história, nos marcos da paisagem

'Monstros' subterrâneos

A imaginação que reconhece formas de rostos ou animais, em paredes e cânions, também vê dentes e gargantas nas bocas das cavernas



FOTOS: ADRIANO GAMBARINI

Não há escuridão mais completa do que estar no interior de uma caverna com as luzes artificiais apagadas. Os olhos buscam o nada, apegando-se à memória de pontos luminosos gravados nas retinas. A ausência de visão abre os ouvidos para sons refletidos pelas paredes, ecos, batidas. O ar úmido às vezes passa em lufadas, como algo que respira, e o barulho constante de água pingando contribui para a sensação de ter sido engolida por um ser gigantesco, um dragão de contos de fadas, talvez, ou um dinossauro, quem sabe?

O paciente trabalho da água, que penetra nas entranhas da terra e faz nascerem pingentes e colunas lá dentro das cavernas, na Toca da Barriguda criou a ilusão de uma 'terrível' boca, prestes a 'devorar' seus visitantes (foto acima à esq.). Localizada no Município de Campo Formoso, na Bahia, a Toca da Barriguda é a segunda maior caverna do Brasil, com cerca de 32 km de extensão. É uma caverna de calcário e, como tal, possui os chamados espeleotemas, nome genérico das mais variadas formações

que tanto excitam a imaginação, sempre disposta a encontrar cenas e formas familiares, mesmo onde o designer é o acaso.

Mas não é só nas cavernas naturalmente decoradas que se produz a impressão de proximidade de um monstro. Também nas cavernas de arenito, às vezes, a sensação é semelhante. Percorrer a Caverna do Limoeiro, situada no município de Altamira, no Pará (foto abaixo à dir.), é quase como caminhar pela garganta de uma imensa serpente. Com comprimento total de 1200 metros, ela fica num dos maiores complexos de cavernas de arenito do país, em plena Floresta Amazônica. Abriga uma grande colônia de morcegos, cuja produção de guano (fezes) acrescenta um terrível odor de amônia à falta de circulação do ar, fazendo com que os espeleólogos trabalhassem de máscara, conforme conta o fotógrafo e geólogo Adriano Gambarini, autor das fotos dessa página. Uma névoa constante no ar causa uma espécie de 'fog'. Ou seria o 'bafo' do monstro? Sugestivamente, este local é conhecido como Salão do Gigante.

Em meio à garganta, há um leito sazonal de drenagem, quer dizer, existe um rio seco, que na época das chuvas pode se encher de água. Ou deveríamos dizer saliva? As cavernas em arenito são conhecidas por não apresentarem espeleotemas, o que é bem o caso do Limoeiro.

LIANA JOHN

